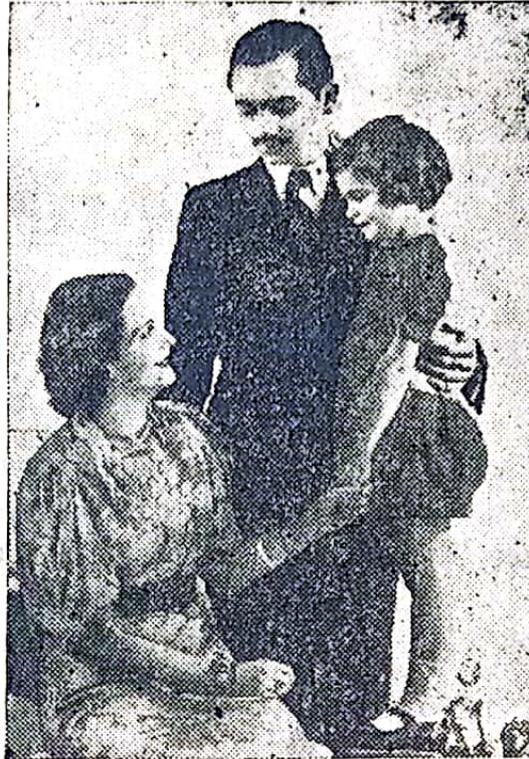


Uma criança morta à paulada pelos seus próprios pais



À gente sem coração
Por todo o nosso país
Pois nesta povoação
Deu-se um crime, a maldição
Assim o jornal o diz.

Pois no Cartaxo vivia
Um casal e uma filhinha
Mas como chegara o dia
Ela ao homem dizia
Que outra menina tinha

Passado um mês lá pensaram
Os dois a criança matar
E com um pau a espancaram
Até que lá a mataram
Indo-a depois enterrar

Jesuina sardinha a nacha
Foi essa cruel assassina
Que ao homem levou a acha
P'ra matar e por na caixa
O corpo dessa menina

Como os vizinhos não viram
Mais a pobre criancinha
Pois a irmã inquiriram
E então de ela tiram
Que fizeram à irmãsinha.

Depressa a guarda chegou
E presos lá os levaram
Um e outro confessou
Que a menina matou
Porque dela não gostaram.

À mães que estremosas são
Pelos seus próprios filhinhos
Mas estes sem coração
Deviam morrer na prisão
E passar duros espinhos

Mulher morta à machadada pelo marido



E'la era trabalhadora,
Êle alma decipadôra
Que só estragar tudo quer,
Há cinco anos ligados
Contra a vontade casados
Da família da mulher.

Não foram amores primeiros
José Joaquim, de Vaqueiros
E Joana de Santarém,
Dela, a família protesta
Porque além de ser honesta
Tinha fortuna também.

O José Joaquim, estragava
O que a Joana, ganhava
Com o suor do seu rosto,
E tantas zangas havia
Até que êle foi um dia
Por ela na rua posto.



Mas uma manhã voltou
Na carvoaria entrou,
Dêle, ela a roupa lhe deu,
E ás mãos do mau marido,
Entregou a seu pedido
Um machado que era seu.

Êle quando a viu voltada,
De costas e descuidada,
Junto ao fogareiro á porta,
Deu com suas mãos pesadas,
A' traição três machadadas
Que a infeliz caíu morta.

Fugiu mas foi de caminho
Perseguido por um visinho
Que por socorro gritou,
E tão rápido correu
Que o criminoso prendeu.
E á justiça o entregou.



Ao passar sobre prisão
Contra êle a multidão
Protesta e chora o destino,
Da pobre Joana a morte
Que teve a fatal sorte
De casar com um assasrino.